

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

Assim é, se lhe parece? Um ensaio ficcional sobre o “afirmacionismo acadêmico”

Murilo Mariano Vilaça

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.4105>

Submetido em: 2022-05-11

Postado em: 2022-05-12 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

Assim é, se lhe parece? Um ensaio ficcional sobre o “afirmacionismo acadêmico”

Murilo Mariano Vilaça^a

Resumo: Os usos não terapêuticos da biotecnologia têm protagonizado o debate bioético na atualidade. Epistemicamente exigente, o tema demanda conhecimentos diversos e especializados, sendo irreduzível à polarização pró versus contra. Todavia, não raro, vê-se a participação opinativa^b de indivíduos não especialistas, cujo propósito aparentemente é simplesmente assumir um dos lados do dilema (pró ou contra). Na falta de conhecimentos, tais opiniões frequentemente estão baseadas em posições ideológicas e obras ficcionais. Assim, num misto de ignorância epistêmica, ideologia e apelo a ficções, o debate vai sendo contaminado por vieses problemáticos. Aproveitando uma tendência citada, crio um ensaio ficcional, utilizando personagens estereotipados que representam algumas das posições problemáticas assumidas no debate. Por fim, ofereço uma lista de regras que podem ajudar a guiar o debate sobre o tema.

Palavras-chave: Biotecnologia. Usos não terapêuticos. Debate bioético. Posições estereotipadas. Vieses ideológicos.

So is it, if it seems to you? A fictional essay on “academic affirmationism”

Abstract: The non-therapeutic uses of biotechnology has been the mainstay or the bioethics debate today. Epistemically demanding, the theme demands diverse and specialized knowledge, being irreducible to the pro versus cons polarization. However, it is not uncommon to see the opinionated participation of non-specialist individuals, whose purpose apparently is simply to assume one side of the dilemma (for or against). In the absence of knowledge, such opinions are often based on ideological positions and fictional works. Thus, in a mixture of epistemic ignorance and ideology, the debate is contaminated by problematic biases. Taking advantage of a mentioned trend, I create a fictional essay, using stereotyped characters that represent some of the problematic positions taken in the debate. Finally, I offer a list of rules that can help guide the debate on the issue.

Keywords: Biotechnology. Non-therapeutic uses. Bioethical debate. Stereotyped positions. Ideological biases.

^a Pesquisador Associado da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP), Departamento de Direitos Humanos, Saúde e Diversidade Cultural (DIHS). Pesquisador da FAPERJ (JOVEM CIENTISTA DO NOSSO ESTADO). Coordenador do Grupo de Investigações Filosóficas sobre Transumanismo e Biomehoramento Humano (GIFT-H+). E-mail: murilo.vilaca@fiocruz.br. ORCID: [0000-0001-9720-5552](https://orcid.org/0000-0001-9720-5552)

^b Em português, há a expressão “para marcar posição”, que indica, por vezes, a assunção de uma posição político-ideológica sobre um tema.

¿Así es, si te parece? Un ensayo ficticio sobre el “afirmacionismo académico”

Resumén: Los usos no terapéuticos de la biotecnología ha sido el pilar del debate bioético actual. Epistémicamente complejo, el tema exige conocimientos diversos y especializados, y es irreductible a la polarización pro versus contra. Sin embargo, no es raro ver la participación infundada de personas no expertas, cuyo propósito aparentemente es simplemente asumir un lado del dilema (a favor o en contra). En ausencia de conocimiento, tales opiniones a menudo se basan en posiciones ideológicas y obras de ficción. Así, en una mezcla de ignorância epistémica, ideología y apelación a las ficciones, el debate se queda contaminado por sesgos problemáticos. Aprovechando una tendencia citada, creo un ensayo de ficción, usando personajes estereotipados que representan algunas de las posiciones tomadas en el debate. Finalmente, ofrezco una lista de reglas que pueden ayudar a guiar el debate sobre el tema.

Palabras clave: Biotecnología. Usos no terapéuticos. Debate bioético. Posiciones estereotipadas. Sesgos ideológicos.

Após a pandemia, oito amigos acadêmicos (um acadêmico de direita, um acadêmico de esquerda, um neurocientista, um geneticista, um teólogo, um filósofo, um bioeticista e um especialista no tema do biomelhoramento humano/BH) finalmente podem se reencontrar pessoalmente.

Numa última reunião remota, os amigos decidem onde será o tão aguardado reencontro:

- “Olá, pessoal! Vocês me ouvem?”, pergunta o acadêmico de direita.
- “Sim, ‘capitalistinha’ do meu coração”, responde o acadêmico de esquerda.
- “Caramba, nem acredito que isso tudo está acabando e que vamos nos rever”, diz o neurocientista.
- “Finalmente, ‘vencemos’ o vírus”, completa o geneticista.
- “Graças a Deus!”, exclama o teólogo.
- “A Deus, não, né, à ciência”, contesta o filósofo, contando com o endosso do geneticista.
- “Polêmico, como sempre, né, meu Sócrates... já te falei... um dia um de nós ainda coloca uma cicuta na sua bebida... rsss”, brinca o bioeticista.

- “Isso estaria de acordo com o princípio da beneficência... pelo menos da nossa... rsss”, entra na brincadeira o especialista em BH.

O acadêmico de direita retoma a palavra e pergunta:

- “E aí, onde será nosso reencontro memorável?”.
- “Alguma sugestão, pessoal?”, pergunta o acadêmico de esquerda.
- “Que tal aqui em casa?”, propõe inadequadamente o neurocientista.
- “Ah, não, né. Depois de tanto tempo sem poder sair de casa, você propõe isso!?”, retrucam todos.
- “Pensei em algo aqui pela Barra^c mesmo”, responde o acadêmico de direita.
- “Depois vocês dizem que eu pego pesado com o liberal aí”, provoca o acadêmico de esquerda.
- “Tá bom, ‘Che Guevara’, diga, aí, onde você acha ‘justo’ que a gente se encontre”, provoca ironicamente de volta o acadêmico de direita.
- “Pensei em um barzinho maneiro aqui em Laranjeiras^d. Tem umas cervejas artesanais deliciosas”, propõe o acadêmico de esquerda.
- “Ah, a ‘esquerda cervejeira artesanal’... por mim, pode ser”, ironiza o acadêmico de direita.
- “É bom pra todo mundo?”, pergunta o acadêmico de esquerda.
- “Simmm”, respondem.

Chegando ao bar, todos, emocionados, abraçam-se e se sentam à mesa, começando a conversa:

- “Que barba é essa!?”, pergunta o neurocientista ao filósofo.
- “Barba de filósofo, ora...rsss”, responde.
- “Aqui, tem algo além de cerveja?”, pergunta o teólogo.
- “Sim, tem suco, refrigerante, etc.”, responde o acadêmico de esquerda.
- “É um bar inclusivo”, brinca o bioeticista.
- “Democrático”, atíça o acadêmico de direita.

^c Bairro da Zona Oeste do Rio de Janeiro com um dos maiores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) da cidade, conhecido como um bairro de “emergentes” (“novos ricos”).

^d Outro bairro da Zona Sul do Rio de Janeiro com alto IDH, mas conhecido como “reduto” de intelectuais de esquerda.

- “Ecumênico”, graceja o teólogo.
- “Holístico”, zomba o filósofo.
- “Garçon”, chama o geneticista.

Depois de fazerem seus respectivos pedidos, o bioeticista inicia um assunto, reportando-se ao especialista em BH:

- “Cara, você viu a quantidade de filmes e séries^e sobre o que você estuda?”.
- “De vez em quando, alguém me fala sobre uma, mas nunca assisti. Na verdade, eu tenho um interesse puramente acadêmico sobre o tema. Para entretenimento, prefiro outros temas”, afirma francamente.
- “Mas talvez seja legal você dar uma olhada. Na série ‘X’, por exemplo, eles mostram o que vai acontecer quando as máquinas dominarem os humanos”, afirma o acadêmico de esquerda.
- “Então...”, coça a cabeça o especialista em BH.
- “É como no filme ‘Y’, em que os humanos melhorados são excluídos da sociedade”, continua o acadêmico de esquerda, inclinando a cabeça na direção do acadêmico de direita.
- “Então...”, o especialista em BH volta a coçar a cabeça.
- “Ah, lá vem você com esse discurso comunista”, interfere o acadêmico de direita. “É óbvio que nada disso vai acontecer nas democracias liberais. Isso aconteceria num certo tipo de regime autoritário que alguns defendem por aí”, aponta para o acadêmico de esquerda.
- “O certo é que tanto a literatura quanto a cinematografia têm destacado os efeitos distópicos causados por isso que você defende”, afirma o acadêmico de esquerda.
- “Então...”, tenta novamente o especialista em BH.
- “Apocalíptico, diria”, ‘profetiza’ o teólogo.

Nesse momento, o especialista em BH se levanta e vai ao banheiro. Quando volta, é interpelado pelo bioeticista:

^e *Years and Years, Altered Carbon, Travelers, 3%, Scorpion, Black Mirror, Westworld, The Feed, Anon, Her, Ex Machina, Transcendence, etc., etc., etc.*

- “E aí, o que você acha sobre o que estávamos conversando?”.
- “Sobre o quê?”, questiona intencionalmente.
- “Ahhh... sobre o tema que você estuda, cara! Estávamos falando sobre ele, né!?”, afirma o bioeticista.
- “Não. Vocês estavam falando sobre séries, livros e filmes que o utilizam como tema ficcional”, esclarece o especialista em BH.
- “Boa!”, exclama o filósofo.

Depois de um breve silêncio, o bioeticista insiste:

- “Tá bom... Mas, fala aí, de que lado^{1f} desse debate você está?”.
- “É, fala aí”, endossa o teólogo.
- “Bem... eu estou do lado daqueles que se interessam em estudar e compreender o tema academicamente, identificando evidências e controvérsias empírico-científicas, bem como que questões normativas efetiva e plausivelmente podem ser formuladas diante daquelas”, responde o especialista em BH, causando certa irritação, em razão do modo preciso de responder à pergunta.
- “Uau!”, exclama o filósofo.
- “Ah, vai dizer que você não é a favor nem contra^{2g}, muito pelo contrário?”, afirma interrogativa e ironicamente o acadêmico de esquerda.
- “Contra ou a favor a que exatamente?”, pergunta o especialista em BH.
- “Contra ou favor de usar a ciência para melhorar humanos, ora bolas”, respondem alguns, expressando um incômodo crescente.

Visando à moderação, afinal, eles estavam saindo de uma pandemia e era o primeiro encontro dos amigos, o especialista em BH diz:

- “Respeito que nalgumas áreas ou que algumas pessoas achem que só existem dois lados e que devemos assumir um deles, mas esse não é o meu

^f O debate bioético, segundo Junges¹, é problematicamente caracterizado pela falácia dilemática, ou seja, a divisão de um problema complexo em apenas duas posições opostas.

^g O debate sobre o BH possui alguns aspectos frustrantes. Um deles, segundo Buchanan², é a restrição à polarização *prós versus contras*, absolutamente a favor *versus* absolutamente contra.

entendimento. Eu estudo a utilização da tecnociência – especialmente da biotecnociência – para alterar/melhorar capacidades humanas. E não me parece razoável ser absolutamente a favor ou absolutamente contra tal uso. Para mim, a questão é mais complexa³”.

- “Seja sincero”, provoca em tom imperativo o bioeticista, “você é pró-melhoramento, né!? Transumanista, é assim que vocês se chamam, né!?”.

- “Eu conheço o Ray Kurzweil e Elon Musk^h, dois gênios futuristas que vão revolucionar o mercado. Nossas mentes serão transportadas para computadores! Um dia, não morreremos mais! Aliás, investir nessas áreas é lucro certo”, ‘informa’ e ‘profetiza’ o acadêmico de direita.

- “Isso não é tão simples assim”, retorque o neurocientista. “Vou te passar uns livros do Nicolelis^{4,5}, em que ele contesta algumas dessas possibilidades que têm sido ‘vendidas’ por esses empresários”, completa.

- “Imaginem os poderes que engenharia genética poderá nos dar!”, insiste o acadêmico de direita, expondo seu tecno-otimismo sem fundamentos.

- “Meu amigo, você está precisando ler mais mesmo. Vou te passar uns livros também^{6,7}”, diz o geneticista, e todos riem do entusiasta ignorante.

- “Sua estupidez e alienação me assustam”, afirma o acadêmico de esquerda contra o de direita, sem se dar conta de que ele é a outra face da mesma moeda-ignorância. “Esses troços vão é nos tornar escravos do capital, das grandes corporações. Biomelhoramento é puro biocontrole!”, exclama com a autoridade típica de quem ideologicamente divide algo complexo em dois lados e pensa estar do ‘lado do bem’. “Vão colocar chips e vão mudar a genética dos trabalhadores para os controlar cada vez mais”, ‘profetiza’ o tecnopessimista, com aquele tom de criticidade que lhe é próprio.

O neurocientista e o geneticista se entreolham, pensam em falar algo, mas são interrompidos pelo “diagnóstico” do teólogo, por uma nova rodada de “fundamentação ficcional” da opinião e por mais uma série de

^h Kurzweil e Musk são dois proeminentes empresários do ramo tecnológico. Em razão das possibilidades publicitárias que suas condições lhes oferecem, bem como por causa das suas posturas não acadêmicas (marqueteiras, sensacionalistas e proféticas, segundo alguns), eles têm sido frequentemente citados como exemplos prototípicos dos transumanistas, sobretudo pelos críticos destes. Em regra, a seleção deles para ilustrar o transumanismo expressa o desconhecimento sobre o tema de quem a faz.

considerações controversas, de tipo senso comum, pretensamente críticas ou acadêmicas, ensejando o “afirmacionismo acadêmico”ⁱ:

- “Brincando de Deus^j”, exorta o teólogo, com alguma anuência do bioeticista.
- “Brincando de deus, o c..., estão é patenteando a vida. É o Admirável Mundo Novo^k sendo posto em prática”, vocifera o acadêmico de esquerda.
- “C. S. Lewis já tinha previsto isso no A Abolição do Homem^l”, ‘fundamenta-se’ o teólogo.
- “Você já viu o que acontece no Gattaca^m? E no Laranja Mecânicaⁿ!?”^o, acrescenta o bioeticista.
- “Usar a ciência e a tecnologia para alterar a natureza, a nossa natureza, o modo como fomos criados é muito perigoso, inclusive para a nossa saúde. Para mim, só deveríamos usar essas coisas para manter a saúde. Há uma diferença muito clara entre tratar e melhorar, promover a saúde e aumentar capacidades. A natureza é sábia⁸⁰, Deus ainda mais”, alega o teólogo.
- “É, eu também acho”, concorda o bioeticista, relativamente às distinções e à sabedoria da natureza.
- “E o direito à morte? A finitude é o que dá sentido à vida! Além disso, tem os riscos do excesso de controle e da desigualdade de acesso”, pergunta, defende e excogita o filósofo. E acrescenta: “o Habermas⁹ tem apontado os

ⁱ Crio esse que é, para mim, um neologismo, a fim de caracterizar uma postura semelhante ao propalado *negacionismo científico*. Tanto este quanto aquele, no entanto, são caracterizados pela falta de fundamentação empírica e lógica, pela seletividade, por deturpações propositais e por vieses, inclusive ideológico. Embora sejam semelhantes em vários aspectos, podemos excogitar duas diferenças: (1) enquanto o negacionismo investe contra o passado e o presente, o afirmacionismo é de cunho profético, ou seja, investe sobre o futuro; (2) enquanto um seleciona um grupo de dúvidas para pôr verdades em xeque, o outro seleciona um grupo de indicativos/exemplos para pôr dúvidas em xeque.

^j *Playing God* é uma das acusações mais frequentemente feitas aos usos não terapêuticos da biotecnologia.

^k Conhecido romance de Aldous Huxley, em que o escritor aborda uma sociedade totalitária, num cenário distópico decorrente do desenvolvimento e aplicações de algumas tecnologias.

^l Uma das obras do escritor irlandês, conhecido pela sua apologia cristã, que é citada por críticos do BH, como Leon Kass e Francis Fukuyama.

^m Filme sobre um futuro distópico gerado pela engenharia genética que é citado por outro crítico do BH, o filósofo norte-americano Michael Sandel.

ⁿ Filme de Stanley Kubrick, baseado no romance de Anthony Burgess, em que se retrata uma sociedade na qual tecnologias de manipulação mental são empregadas em jovens delinquentes, dando-a um sentido distópico.

^o Segundo a alegação da *sabedoria da natureza*, a intervenção humana sobre a natureza seria um sinal de *imprudência* e *arrogância*. De acordo com Bostrom e Sandberg⁸, tal alegação, que está na base do sentimento antimelhoramento, é insuficiente para fundamentar uma argumentação contra o BH.

riscos para a autonomia, autenticidade, para a nossa compreensão como espécie, etc.”.

- “Não sabia que ele (Habermas) estava estudando o tema. O que ele tem publicado?”, surpreende-se o bioeticista, demonstrando interesse.

- “Não tenho absoluta certeza, mas só conheço um livro publicado, originalmente, em 2003”, responde o filósofo.

- “Ah, então ele não virou um estudioso da minha área?”, questiona o bioeticista.

- “Até onde eu sei, não”, diz o filósofo. “Mas é o Habermas, né!”.

- “Não sei se entendi bem. Mas, para mim, o fato de um pensador ser uma referência num tema não o habilita a falar sobre qualquer coisa com a autoridade de um especialista”, interfere o especialista em BH.

- “O fato é que vai dar m.”, simplifica ‘profeticamente’ o acadêmico de esquerda.

- “Calma, pessoal, no início, só ricos tinham celulares. Hoje, qualquer um tem. O mercado sempre encontrará uma forma de que todos possam comprar bens e serviços”, assevera esperançosa e simploriamente o acadêmico de direita.

- “Supondo que você estivesse certo – o que é muito contestável – essa não é a única questão envolvida”, destaca o bioeticista. “E as atrocidades que podem decorrer da aplicação indiscriminada desses avanços tecnocientíficos?”, ele pergunta.

- “É só criar uma legislação, diretrizes éticas, agências de controle, esse tipo de coisa para regular^P”, propõe o acadêmico de direita.

- “Isso é importante, tem sido feito nalguns casos e tem apresentado alguma eficácia, mas nunca há garantias absolutas de que não burlarão as leis, fazendo maus usos de uma tecnologia”, pondera o bioeticista.

- “Sim, claro, nunca haverá garantias absolutas. Dito isso, faremos o quê, então: fecharemos os centros de pesquisa, os laboratórios, as indústrias de biotecnologia, etc.? Interromperemos as pesquisas e o desenvolvimento de tecnologias?”, questionam o neurocientista e o geneticista.

^P Como maior expressão do enfrentamento desse desafio fenomenal, cabe citar o *The SIENNA Project - Stakeholder-informed ethics for new technologies with high socio-economic and human rights impact*. Disponível em: <<https://www.sienna-project.eu/>>.

- “Vocês devem estar de sacanagem”, exclama o acadêmico de esquerda. “Vivemos num mundo extremamente desigual, em que pessoas não têm nem o que comer. Por que o mercado não resolveu isso? E não podemos esquecer do passado eugenista, nazista. Como ficam a democracia e a liberdade das pessoas?”, complementa, questionando. “Até parece que o biocapital, o biomercado irão respeitar alguma lei!”, prognostica incredulamente. “Na escola em que eu trabalho, esse negócio de estudar o biomelhoramento humano, o transumanismo, sobretudo por causa dos seus efeitos políticos, nunca passaria”.

- “Engraçado... isso que você acabou de afirmar me fez lembrar um movimento da direita. Acho que é alguma coisa como Escola sem Partido”, ventila o acadêmico de direita.

- “Você não trabalha numa escola pública de um estado democrático e estava preocupado com o respeito à lei e a liberdade das pessoas?”, questiona provocativamente o filósofo, fazendo o acadêmico de direita rir alto.

- “É muito diferente”, tenta se esquivar o acadêmico de esquerda, demonstrando seu nervosismo misturado com o constrangimento proveniente da incoerência revelada.

- “Por quê?”, insiste o acadêmico de direita, que é endossado pelo filósofo.

- “É, por quê? Proibir, censurar ou obstaculizar que um tema seja estudado, debatido, por causa de seus supostos efeitos políticos, não seria uma afronta à constituição democrática de 1988? E as liberdades de pensamento, de pesquisar, de ensinar?”, complementa o filósofo. “Parafraseando um comentarista de arbitragem, a lei é clara!”, ironiza.

- “Acho que vou pedir outra bebida”, diz o especialista em BH.

- “Ah, não, você não vai fugir do assunto”, vindica o acadêmico de esquerda.

- “Se eu fosse você, torceria para ele ‘fugir’. Acho que seria bem melhor”, galhofa o filósofo. “Depois, não digam que não avisei”, adverte os amigos.

- “Não, fala aí, queremos ouvir sua ‘opinião’”, fala o acadêmico de esquerda ‘em nome de todos’.

Abrindo mão do objetivo do reencontro e de mais uma bebida, o especialista em BH aceita o desafio de tentar informar a discussão:

- “Então, meus queridos, não acho que deveríamos transformar nosso reencontro num debate sobre o tema. Mas, diante do interesse insistentemente demonstrado por vocês, acho importante pontuar algumas coisas:

1 – No meu entendimento, ficções não servem de guia para um debate acadêmico, bioético, sobre a ciência e a técnica. Elas não representam uma base evidencial para nossas crenças e não são boas fontes para especulações (não têm consistência enquanto parâmetro inferencial). Elas são construções narrativas livres, não comprometidas com a verdade. Uma obra ficcional não é constituída de fatos, nem de previsões com pretensão de realização. Nesse sentido, não tem as pretensões atinentes ao conhecimento verdadeiro. Quero dizer, ficções carecem de restrições, algo que é academicamente fundamental. Há, por assim dizer, um excesso de liberdade criativa e uma ausência de compromisso com a realidade. As ficções são epistemicamente despretensiosas. Até as profecias têm alguma pretensão de verdade (futura). Se não se cumprem, as profecias (e os profetas) são desacreditados. O narrador ficcional nunca poderá ser desacreditado, pois não ergueu qualquer pretensão de verdade/realização futura. O “futuro” é o juiz das profecias. As ficções não podem ser “julgadas” por nada. Numa obra ficcional, o(a) autor(a) cria uma ficção, e não descreve uma realidade ou prevê o futuro. Para que tudo que “acontece” na obra seja completamente diferente, bastaria uma coisa: a vontade do(a) autor(a) de criar outra narrativa. Dito isso, em regra, ficções são incorporadas argumentativamente apenas porque se ajustam convenientemente às nossas crenças ou posições prévias. Posições baseadas em “ficções tomadas como evidências” seriam fragilíssimas, pois se alterariam facilmente. Caso fosse criada uma nova narrativa hegemônica (novos livros, séries ou filmes), a saber, de apologia utópica do futuro biotecnológico, nossas crenças se moveriam na direção oposta à anterior (com acento distópico). Como nosso amigo filósofo bem sabe, desde a Grécia antiga, opinião (doxa) e conhecimento (episteme) devem ser claramente separados, se o que buscamos é algo como a verdade. Atualmente, acho que é importante acrescentar uma nova separação fundamental: “opinião baseada em alguns fatos” de “opinião baseada em algumas obras de ficção”. Sobre isso, gostaria de fazer mais uma observação. As obras de ficção servem muito facilmente

como um dos alicerces do que eu tenho chamado de “afirmacionismo acadêmico”, que é a seletividade. Além disso, elas podem, de modo semelhantemente fácil, ser objeto de vieses de interpretação. Para dar apenas um exemplo, vejam como frequentemente o clássico “A revolução dos bichos”, de George Orwell, é utilizado como uma metáfora pró-socialismo. Alguns defendem a tese de que o livro é antissocialista. Dúvidas à parte, o certo é que o livro é uma apologia à liberdade, o que o torna uma crítica a qualquer regime totalitário... de esquerda, de direita, hipertecnológico, antitecnológico, etc.;

2 – Não poderei aprofundar muito, porque a comida já está chegando. Mas, explicando o neologismo rapidamente, o “afirmacionismo acadêmico” é uma espécie de “parente próximo” do negacionismo científico. Ambos são formas pseudocientíficas ou pseudo-acadêmicas de abordar um tema passível de conhecimento verdadeiro. Ambos não respeitam preceitos epistêmicos mínimos e expressam o “entendimento” de que “tenho o direito de falar sobre tudo”, de “dar minha opinião”, mesmo sobre coisas acerca das quais haja um saber especializado e em que não “eu” não seja um especialista. Com todo respeito a vocês, só há um especialista no tema do BH nessa mesa. Eu não puxei o assunto e tentei, múltiplas vezes, desviar-me dele. Estamos num bar, e não num congresso acadêmico. Mas chegamos a um ponto na conversa em que parece que saímos do campo da livre troca de opiniões, ingressando num debate, em que algo como uma “pretensão de verdade” pode ser erguida, para não falar da pretensão de correção (sobre o que é justo e injusto, certo e errado e oposições normativas afins). Essa possível inadvertida passagem do campo de uma despretensiva “conversa de bar” para o campo em que se erguem pretensões racionais complexas é um terreno fértil para o tal afirmacionismo. Nele, parece que todos estão em pé de igualdade sobre o conhecimento acerca de um tema, o que não é verdade. Isso não é um demérito para vocês. Nas sociedades modernas, é assim mesmo. A diversificação e complexificação do conhecimento dependem da especialização. Cada um de nós é predominantemente leigo. Resumindo, somos especialistas em uma ou duas coisas, e leigos em todo o restante. E, como ninguém pode ser especialista em tudo, cria-se uma desigualdade que não pode e talvez nem deva ser superada. Há uma espécie de divisão do

trabalho epistêmico, de modo que se exige uma deferência à ciência, ao especialista, criando um embaraço para sociedades democráticas, pois a igualdade formal (jurídica) não está rebatida no plano epistêmico¹⁰. Há, então, uma tensão entre o igual direito de falar numa “conversa de bar” e o desigual acesso ao conhecimento sobre determinado tema. Este desigual acesso cria assimetrias no debate especializado/acadêmico motivadas por razões epistêmicas (e não por meros preconceitos ou autoritarismo). No plano epistêmico, e não político-jurídico, a desigualdade é justa e em favor do especialista, que é quem possui algo academicamente fundamental, a expertise. Há vantagens coletivas nisso, aliás, por exemplo, o avanço científico. Nesse sentido, há muitos problemas decorrentes da indistinção entre a “conversa de bar” e o debate acadêmico, entre os “direitos dos cidadãos” e os “privilégios do especialista”. Um primeiro exemplo é o negacionismo científico e suas expressões (terraplanismo, movimento antivacina, etc.). Outro são os usos de conceitos acadêmicos de modo vulgar. Por exemplo, quando nosso amigo acadêmico de esquerda falou sobre eugenia, ele demonstrou ignorar – o que não é uma questão moral, mas epistêmica – a polissemia do termo. Habermas⁹, que é um crítico do BH, por exemplo, utiliza o conceito em dois sentidos para se referir aos usos das biotécnicas: eugenia negativa (usos terapêuticos) e eugenia positiva (uso melhorador). Habermas, todavia, não é contra a eugenia negativa. Isso o torna um eugenista nazista? Há, também, uma importante diferença entre a eugenia praticada por estados totalitaristas^{11q} (que podem ser de direita e de esquerda, cabe destacar) e a eugenia que Habermas chama de liberal. Por último, entre os transumanistas, há uma diversidade de entendimentos. Por exemplo, uns são a favor da liberdade individual (escolha de melhorar), outros da obrigação de melhorar. Uns são a favor dos melhoramentos radicais, outros apenas dos moderados. Quanto à regulação, uns são pró lógica de mercado, outros pró regulação estatal. Por outro lado, ao contrário do que geralmente se acha e fala, muitos são normativa e valorativamente bastante rígidos^{12,13}. Outro grave efeito problemático é que a especulação – que é uma capacidade humana importante – sai dos limites do razoável, criando uma espécie de fosso entre o que o

⁹ Rose¹¹ defende que seria mais útil restringir o uso do termo a estratégias dirigidas ao melhoramento da população por meio de intervenções sobre a reprodução.

estado da arte científico e tecnológico e o debate (bio)ético¹⁴. Há medidas mais apropriadas para especular criteriosamente sobre riscos. Portanto, devemos amparar o indispensável exame crítico dos potenciais tecnocientíficos nelas, e não em ficções ou fantasias, em opiniões ou em exemplos selecionados a dedo. A ignorância sobre as evidências disponíveis, que não pode ser alçada à condição de argumento, prejudica o desenvolvimento de um debate qualificado sobre o BH. Isso pode ser parcialmente solucionado com uma postura simples, que quero reafirmar aqui: recorrer, por deferência, à ciência e aos especialistas, e não sair debatendo sobre algo que simplesmente pode nem estar claro ou disponível¹⁵. Aqui, por exemplo, nossos amigos neurocientista e geneticista seriam as pessoas mais adequadas para falar sobre as reais e potenciais aplicações de algumas biotécnicas. Enfim, acho que está claro como não ser especialista num tema, mas querer falar sobre ele, achando que tem o mesmo amparo epistêmico para isso, como se tivesse a mesma autoridade de um especialista, pode ser muito problemático.

3 – Por falar nas biotécnicas... Vivemos, há muito, permeados, perpassados, baseados, graças a certas biotecnologias. Mudamos o mundo e a vida na Terra em inúmeros aspectos, usando a ciência e a técnica de múltiplas formas, o que está longe de ter apenas nos prejudicado ou criado ameaças terríveis¹⁶. Essa bebida que estamos tomando aqui é fruto de uma biotecnologia “suculenta” milenar, de um processo de fermentação¹⁷ que transforma e mistura elementos “da natureza”, criando um produto pelo qual pagamos, e muito caro. Por outro lado, não é razoável restringir os benefícios da ciência e da técnica, atrelando-os exclusivamente à promoção da saúde, à ausência de “efeitos colaterais” ou à não alteração da “nossa natureza”. O álcool que estamos consumindo altera nossa consciência e pode, dependendo da quantidade e da frequência que é consumido, comprometer a nossa saúde. Esse aparelho de ar condicionado, que nos refresca nesse clima carioca, é resultado de muito investimento em ciência e tecnologia, com o objetivo de exercer algum controle sobre uma temperatura, um fator ambiental que é, para nós, desconfortável, gerando efeitos nocivos ao meio ambiente. O celular – que alguns não tiram da mão – exerce controle sobre todos, mas duvido que alguém aqui o jogará fora, até porque boa parte da nossa mente já está nele¹⁸. Entre nós, há um usuário de

marcapasso cardíaco, outro que usa implante coclear, outro que usa um chip para controle do diabetes, outro com prótese, ou seja, essa é praticamente uma reunião de ciborgues. Não quero criar um mal-estar, mas vejo em nós os efeitos de cirurgia plástica, procedimentos estéticos, “suplementos” para “manter a forma”, “ajudinhas” farmacológicas para várias performances que são comprometidas com o passar do tempo, etc. Tudo isso é o quê, senão aquilo que vocês estão atacando vigorosamente?¹⁶ Meus amigos, temos uma professora trans no departamento. Vocês fazem ideia de quanto ela mudou “sua natureza”, quanto de tecnologia não terapêutica foi usada nela para transformá-la em quem queria ser!? Ela estava tratando alguma doença??? Sabemos de amigos nossos (incluindo o teólogo), cujos filhos são fruto de fertilização in vitro (FIV). Enfim... Ela (a professora trans) teria sido imprudente ou arrogante, alterando amplamente “sua condição natural”? Eles (pais que recorrem à FIV) teriam brincado de deus, que os fez inférteis com algum propósito, ou teriam manipulado sua “natureza infértil”, prejudicando os “sábios planos da natureza” para controlar superpopulações? Nosso amigo geneticista, que trabalha com essa técnica reprodutiva, a qual é inacessível para a imensa maioria das pessoas, deve ser considerando um mercadejador da vida, da biologia? Algumas das pílulas que eu vi alguns aqui tomando durante a conversa são produtos biotecnológicos que interferem na “nossa natureza”, na nossa biologia, e nem sempre produzem efeitos terapêuticos. Nossas esposas/companheiras/filhas utilizam uma bioética que, ao mesmo tempo, deu às mulheres a possibilidade de desfrutar dos prazeres sexuais e de planejar sua vida reprodutiva, o que não tem um fim terapêutico, e pode, em inúmeros casos, prejudicar a saúde delas. Isso tudo poderia simplesmente ser reduzido à satisfação de interesses do mercado, de desejos egoístas de uma sociedade capitalista e individualista? Aliás, alguém, aqui, não tomou vacina? O que é a vacina, senão uma biotecnologia de melhoramento, cuja função é aumentar a nossa capacidade imunitária para muito além do seu nível “natural” ou “normal”? Por falar nisso, será, mesmo, que a distinção entre terapia e melhoramento é absolutamente clara ou útil?¹⁹

4 – Como disse desde o início, não devemos reduzir algo complexo a apenas duas possibilidades diametralmente opostas (bom ou mau)^{1,2}. Há riscos em

praticamente qualquer invenção humana. Uma faca pode ser usada para cortar legumes ou matar uma pessoa. Conforme falei anteriormente, muitas das coisas que usamos diariamente, sobre as quais ninguém aqui refletiu e as quais não estamos minimamente dispostos a deixar de usar, podem ter maus usos e/ou gerar consequências terrificantes. Mas, se pensarmos de modo simplório, absolutamente pessimista e ingenuamente extremista (havendo risco de maus ou imprevistos usos de uma técnica, melhor não a desenvolver ou eliminá-la, pois não teríamos como regular seus usos), temo que a única “solução” seja regressarmos aos primórdios dos tempos^r. Eliminaríamos, com isso, técnicas que viabilizaram, ao longo da história, a sobrevivência e a inclusão social de indivíduos da espécie humana que, por possuírem certas características (tidas como deficiências, por exemplo), provavelmente seriam excluídos pela natureza e por sua “sabedoria” evolutiva (seleção natural). Nesse sentido, o mundo primitivo natural poderia ser tão ou mais excludente do que as sociedades tecnológicas desiguais. Por mais imaturos que sejamos enquanto sociedade humana, acho que já entendermos que “jogar fora o bebê junto com a água do banho” é uma saída irracional. Assim, em vez de “radicalmente críticos”, devemos ser ponderadamente críticos.

5 – Outro ponto, pessoal: o mundo é muito injusto (estou falando só de desigualdades de acesso), todos concordamos com isso, até o nosso amigo acadêmico de direita, que estuda teorias liberais de justiça. Mas, considerando que a conta que pagaremos ao final desse reencontro poderia alimentar, por um mês inteiro, algumas famílias, não me parece que estejamos em condições de fazer qualquer discurso pró justiça social nesse momento. Acho que pareceria muito hipócrita. Há possibilidades de que o acesso desigual à biotécnicas agrave a situação. Mas isso, embora possa ser provável, não é necessário. E outra: o problema de desigualdade não é atávico à biotecnologia, não será criado por ela, mas se refere a um tipo de organização social contra o qual há plausíveis argumentos para se lutar¹². Aliás, como nós temos lutado, para além de manifestações nas redes sociais, publicação de artigos e

^r Há os que assumem uma posição bioludista ou anarco-primitivista. Em síntese, defendem o modo de vida primitivo ou anterior ao processo civilizatório moderno, por meio, por exemplo, da *desindustrialização* e de uma *ampla resistência à tecnologia*.

discursos em mesas de bar? Temos aberto mão dos nossos privilégios, em nome de uma mudança real do contexto em que vivemos? Considerando onde alguns de nós moramos, para onde viajamos anualmente, onde alguns dos nossos filhos estudam e que isso lhes dará condições amplamente desiguais/privilegiadas frente às pessoas pelas quais falamos, como se fôssemos porta-vozes delas, etc., etc., etc., hipócritas pode ser um eufemismo, quase um autoelogio. Arriscando-me no terreno da especulação profética e da “fundamentação” em obras de ficção, tenho sérias dúvidas de que estaríamos dispostos a abrir mão da nossa condição de vida em nome daquilo que discursivamente defendemos. Com base em que eu suponho isso? Tem um filme chamado Casa compartilhada (o título original é Le Grand Partage, algo como “O grande compartilhamento”), em que, diante de um inverno atipicamente rigoroso, o governo francês decreta le grand partage, ou seja, que as moradias dos ricos (que são maiores e frequentemente habitadas por poucas pessoas) sejam compartilhadas. Sabe quem curiosamente resiste mais fortemente à repentina oportunidade de vivenciar uma experiência de justiça social: uma professora marxista/de esquerda.

6 – Enfim, para não estender ainda mais esse papo, gostaria de compartilhar com vocês uma coisa que tenho pensado, ou seja, uma pequena, inacabada, incipiente (e mais outros tantos adjetivos possíveis) lista de regras para discussões racionais sobre determinado tema, as quais apresento em forma de “ilicitudes epistêmicas”. Ou seja, “a nenhum(a) participante do debate acadêmico é lícito”:

- Confundir (consciente, deliberada e estrategicamente) questões de fato com questões ideológicas.
- Confundir (consciente, deliberada e estrategicamente) juízos de fato e juízos de valor.
- Pôr valores de coordenação acima de razões epistêmicas.
- Utilizar deliberadamente analogias que deturpem ou confundam o debate, enviesando-o com a finalidade de vencê-lo.

- Assumir apenas a função performativa da primeira pessoa (“dono” ou “parâmetro” da discussão) e/ou da terceira pessoa (“juiz” da discussão) do singular (o que equivale a não assumir a função de participante, que é expressa pela primeira pessoa do plural: nós).
- Assumir uma posição performática de mero competidor/combatente (o gozo da vitória sobre o outro como oponente não deve suplantiar o desejo de se entender com o outro como interlocutor; deve-se buscar a interação comunicativa entre sujeitos com mundos internos próprios, mediados por um mundo objetivo igualmente acessível cognitivamente, que podem se entender sobre normas mutuamente aplicáveis).
- Proceder argumentativamente contrapondo *Ad infinitum* especulações opostas, sem chegar a nenhuma conclusão ou defender qualquer tese (problema da improdutividade argumentativa ou argumento do beco sem saída ou da bifurcação infinita).
- Defender qualquer perspectiva paradisíaca ou atacar uma perspectiva por não ser perfeita.
- Utilizar um conceito técnico de uma forma imprecisa (ex. risco, dano, etc.) para defender ou atacar uma posição ou argumento.
- Falar sobre algo como se fosse especialista, não sendo.
- Afirmar algo sobre o mundo objetivo, sem apresentar provas/evidências do que diz.
- Contradizer-se propositalmente para tentar “salvar” um argumento.
- Atribuir a alguém algo que não lhe seja pertinente, que não caracterize sua posição, a fim de fragilizá-lo/a.
- Basear sua argumentação numa possibilidade fantasiosa, sem o mínimo de indicativos empíricos.
- Basear-se em obras de ficção como fundamento, prova empírica ou indicativo probabilístico do que argumenta ou especula.
- Basear sua argumentação normativa em especulações fantásticas (o problema da “ética aplicada/baseada...a/em especulações”).
- Tomar o todo pela parte.
- Selecionar um exemplo sabido e estrategicamente conveniente (por ser o mais bizarro, o mais fraco, o mais sensacionalista ou coisa afim) para

enquadrar algo, como uma forma de sustentar sua própria argumentação.

- Selecionar apenas exemplos que convirjam com suas teses, havendo outros que a contestem.
- Reduzir múltiplas possibilidades de aplicações de algo a dois grupos/campos, um bom e um ruim, um "do bem" e um "do mal".
- Reduzir um problema complexo a um dilema bem versus mal.
- Obs: é fortemente desejável que o(a) participante seja plenamente capaz de separar a postura/conduita acadêmica da militante (embora a mesma pessoa possa exercer as duas performances na vida)".

Tendo encerrado a lista, e diante de um certo mal-estar, o especialista em BH tenta amenizar:

- "Queridos, essas regras nada têm a ver com momentos como esse. Afinal, aqui, trata-se apenas de uma conversa de bar". E completa: "só acho fundamental que saibamos discernir uma conversa de bar de um debate acadêmico".

Retomando a palavra, o filósofo diz:

- "É... eu bem que avisei".

Declaração de Conflito de Interesse

Declaro que não há conflito de interesses ou interesses concorrentes envolvidos.

Agradecimento

Como agradecimento, informo o apoio recebido pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). GN: 201.377/2021.

Referências

1. Junges JR. Falácia dilemática nas discussões da bioética. *Rev Bioética*. 2019; 27(2):196-203. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-80422019272301>
2. Buchanan A. *Beyond humanity? The ethics of biomedical enhancement*. Oxford: Oxford University Press; 2011.
3. Vilaça MM, Dias MC. Biotransformação ou biomelhoramento: entre fatos e valores. *HYBRIS, Rev. Filosofia*. 2021; 12(1):61-82.
4. Cicurel R, Nicoletis M. *O cérebro relativístico: como ele funciona e por que não pode ser simulado por uma máquina de Turing*. Natal: Kios Press; 2015.
5. Nicoletis M. *O verdadeiro criador de tudo: como o cérebro humano esculpiu o universo como nós o conhecemos*. São Paulo: Planeta; 2020.
6. Mayr E. *Isto é biologia: a ciência do mundo vivo*. São Paulo: Companhia das Letras; 2008.
7. Dupré J. *Human nature and the limits of science*. Oxford: Clarendon Press; 2001.
8. Bostrom N, Sandberg A. The wisdom of nature: na evolutionary heuristic for human enhancement. In: Savulescu J, Bostrom N, editors. *Human enhancement*. New York: Oxford University Press; 2009. p. 375-416.
9. Habermas J. *O futuro da natureza humana: a caminho de uma eugenia liberal?* São Paulo: Martins Fontes; 2004.
10. Perini-Santos E. Desinformação, negacionismo e a pandemia. Aula inaugural do curso de Filosofia da Unisinos, proferida em 26 de abril de 2021.
11. Rose N. *A política da própria vida: biomedicina, poder e subjetividade no Século XXI*. São Paulo: Paulus; 2013.
12. Vilaça MM. Levando o transumanismo a sério – isso não é uma apologia! In: Oliveira J, Lopes WES, organizadores. *Transumanismo: o que é, quem vamos ser*. Caxias do Sul: Educus; 2020. p. 135-160.
13. Vilaça MM, Dias MC. Transumanismo e o futuro (pós-)humano. *Physis*. 2014; 24(2):341-62. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312014000200002>
14. Ferrari A, Coenen C, Grunwald A. Visions and ethics in current discourse on human enhancement. *NanoEthics*. 2012; 6(3): 215-29. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11569-012-0155-1>

15. Pompermayer FCL, Vilaça MM, Dias MC. Aprimoramento cognitivo: técnicas e controvérsias. *Ethic@*. 2021; 20(1):57-87. DOI: <https://doi.org/10.5007/1677-2954.2021.e79915>
16. Vilaça MM. Melhoramentos humanos, no plural: pela qualificação de um importante debate filosófico. *Kriterion*. 2014; 55(129):331-47. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-512X2014000100018>
17. Renneberg R. *Biotechnología para principiantes*. Barcelona: Reverté; 2008.
18. Mochcovitch DGV, Dias MC. Mentis no bolso: considerações neuroéticas sobre a incorporação de aplicativos de smartphones na configuração do Self. *Ethic@*. 2021; 20(1): 35-56. DOI: <https://doi.org/10.5007/1677-2954.2021.e79767>
19. Vilaça MM, Dias MC. Tratar, sim; melhorar, não? Análise crítica da fronteira terapia/melhoramento. *Rev. Bioética*. 2015; 23(2):267-76. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-80422015232065>

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.